



Evento	Salão UFRGS 2015: XI SALÃO DE ENSINO DA UFRGS
Ano	2015
Local	Porto Alegre - RS
Título	ESTRATÉGIAS PARA A HUMANIZAÇÃO DO ENSINO DE CIÊNCIAS: USO DE LINGUAGEM NARRATIVA, DESAFIOS E PERCALÇOS
Autores	MICHELE ARAMBURU SERAFINI LUCIANO BEDIN DA COSTA

O ensino de Ciências costuma ser, na maior parte do tempo, ensinado nas salas de aula através da linguagem científica. Tal atitude não leva em conta, entretanto, que tal linguagem não é familiar para o aluno; portanto, pode dificultar a aprendizagem. Contudo, se ao invés desta for utilizada uma linguagem mais próxima do aluno, o processo de aprender pode ser facilitado. No seu cotidiano, o educando costuma usar a linguagem narrativa para se expressar – uma linguagem mais humana, que transmite emoções, que conta histórias. Neste sentido, o presente trabalho buscou analisar como o uso de linguagem narrativa pode ser explorado em sala de aula, e quais os efeitos do mesmo para a compreensão dos alunos a cerca do conteúdo que se quer ensinar. Além disto, acreditamos que estes, se tiverem uma postura ativa durante a aula, ao invés de apenas assisti-la de forma passiva, terão um maior envolvimento com o processo de aprendizagem, tornando esta mais sólida e duradoura. Cabe atentar que, se tratando o presente trabalho de uma experiência de Trabalho de Conclusão de Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas, trago aqui uma abordagem inicial e experimental do tema, devido ao tempo limitado de pesquisa. Assim sendo, realizei uma atividade com uma turma de sétimo ano do ensino fundamental em uma escola pública de Porto Alegre, no total de oito encontros com a turma. Nestas atividades, busquei trabalhar dois conteúdos (evolução biológica e preconceito racial) através de uma narrativa que construí para este fim. Após a apresentação da narrativa que criei, os alunos deveriam encená-la, utilizando coletes de TNT representando as diferentes cores de pele, bem como capas azuis de super-herói (Super-Melanina, um personagem da história). Entretanto, tal proposta pareceu desconfortável para alguns alunos negros, que disseram que não queriam participar. Confesso que tal reação me deixou surpresa. Eu, talvez pelo fato de ser branca – e, assim não viver na pele e no cotidiano o preconceito racial - acabei por não ter sensibilidade suficiente para prever que tal atividade pudesse ser desagradável para estes alunos. Pensava eu que minha proposta de atividade era algo divertido e que seria interessante para eles. Tal situação levou a uma reflexão quanto à atividade que havia sido sugerida, e assim esta foi revista. Ao invés disto, então, propus aos alunos que estes escrevessem, em grupos, uma narrativa utilizando personagens negros, e depois apresentassem a mesma para os colegas na forma de um teatro de fantoches. Através deste trabalho, surgiram reflexões mais profundas do que o inicialmente proposto. Creio que, enquanto docentes, nós todos precisamos aprender a nos sensibilizarmos, e precisamos buscar ouvir o que nossos alunos tem a dizer. É necessário observar qual a carga cultural que os alunos trazem consigo, pois esta inevitavelmente irá interferir na forma com a qual os alunos ouvem o que nós falamos a eles. Com este trabalho, percebo nitidamente que, apesar de estar me formando professora, ainda tenho muito a aprender na minha profissão – e que os percalços no caminho, para além de simbolizarem algo que “não deu certo”, pelo contrário, são o que nos faz pensar e nos coloca em movimento.